



## Pioneirismo, pesquisa e excelência



Uma boa lição dos professores europeus chamados para dar início à USP foi estudar em tempo integral e valorizar os temas brasileiros



Construção da Praça do Relógio: marco da USP

A última coisa que descobrimos ao escrever um livro é o que devemos pôr em seu início. Se até Pascal, aqui tirado d'O livro das citações de Eduardo Giannetti, se decidia pelo começo apenas depois de terminar a obra, é fácil sentir a dificuldade de terminar, e de começar, quando se tem por missão resumir em uma página de jornal os momentos mais marcantes de uma instituição que completa 75 anos de vida. Mais difícil ainda é quando essa instituição é tão complexa, rica e multifacetada como a USP.

Então, antes de terminar – ou de começar –, é melhor pedir a ajuda de uma pessoa que, ela própria, foi e é um marco na história da Universidade: o professor José Goldemberg, físico, ex-secretário de Estado, ex-ministro e ex-reitor.

Ele nos guia, dizendo que a USP está marcada desde o nascimento, em 1934, pelo regime de dedicação exclusiva, ou tempo integral, que abriu caminho para a pesquisa e não apenas para o ensino, o que a diferencia desde logo das instituições de ensino superior que vieram depois.

Até hoje, o maior volume da pesquisa nacional deve ser creditado à USP, seguida das demais universidades públicas, estaduais ou federais. As grandes escolas que preexistiram à USP e por ela foram incorporadas – Medicina, Direito, Politécnica, Agronomia, Veterinária e Zootecnia – certamente formavam excelentes clínicos, juristas, engenheiros, mas geravam poucos conhecimentos novos, limitando-se a transmitir o que recebiam por tradição.



O salto para a pesquisa (de 1934 USP 75 ANOS MIGUEL GLUGOSKI a 1939), que é o segundo momento destacado por Goldemberg, deve-se aos professores estrangeiros, que estabeleceram padrões internacionais de qualidade. Não eram apenas franceses (entre outros, o antropólogo Lévi-Strauss, que acaba de completar cem anos de vida, o historiador Fernand Braudel, o sociólogo Roger Bastide e os filósofos Martial Guéroult e Jean Mougué): vieram também italianos (o poeta Giuseppe Ungaretti, o físico Gleb Wataghin, nascido na Rússia), e alemães (destaque para o químico Heinrich Rheinboldt).

Antigos alunos da missão estrangeira, a exemplo de Antonio Candido e Aziz Ab'Sáber, contaram muitas histórias sobre aulas e métodos desses professores, salientando que ensinaram os brasileiros a conhecer o Brasil.



Número de vagas em São Carlos praticamente dobrou com novo campus

A estudar, no lugar dos Pirineus, a Serra do Mar ou o mais próximo Pico do Jaraguá. Índios – Lévi-Strauss, que vive na França, deu o exemplo de pesquisa de campo ao visitar, acompanhar e fotografar índios, atividade que lhe rendeu subsídios para estudos e muitos livros de antropologia. Dizia-se que o professor passava mais tempo em aldeias do que nas salas de aula, o que nem sempre agradava a todos os idealizadores da USP. Os brasileiros seguiram-lhe as pegadas. Com a ajuda do escritor e também pesquisador Mário de Andrade, Strauss instituiu a Sociedade de Etnografia e Folclore e fez amplo levantamento da música e dos falares pelo país afora.

A instalação de avançados laboratórios de pesquisa nas áreas de física e engenharia, depois de 1945, é outro passo notável na história da USP. Era o tempo do pós-guerra e da bomba atômica, utilizada poucos meses antes, por duas vezes, no Japão. As pesquisas que tornaram possível a devastadora bomba vinham sendo acompanhadas por cientistas brasileiros em contato com colegas norte-americanos e italianos. Por aqui, alunos da Engenharia Elétrica da Escola Politécnica, entusiasmados pela presença do físico Gleb Wataghin – indicado por Enrico Fermi, um dos líderes da física italiana –, decidiram dedicar-se a grandes projetos na mesma área. Entre outros nomes, destaque para Marcelo Damy de Souza Santos, Paulus Aulus Pompéia e Mário Schenberg. Wataghin e Damy planejaram a instalação do Acelerador Betatron, sendo esta a primeira construção na Cidade Universitária.



### Faculdade de Medicina integrou núcleo inicial

Oscar Sala, pesquisando nos Estados Unidos, idealizou o Acelerador Van de Graaff, onde até hoje se fazem pesquisas nucleares. César Lattes celebrizou-se ao descobrir píons autonomia didático-administrativa. O ex-reitor Flávio Fava de Moraes, por exemplo, defende claramente a proposta de desmembramento, adepto que é da estrutura universitária como se pratica nos Estados Unidos. A próxima parada mais atenta na história da USP vai encontrá-la às voltas com um regime político introduzido por um golpe militar, em raios cósmicos e por pouco não levou o Prêmio Nobel de Física. Interior – Nesse ponto, Goldemberg recomenda dirigir os olhos para o interior do estado de São Paulo e refletir sobre a importância da instalação da Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto, em 1952. Ela abriu caminho para a expansão da pesquisa e ensino para outras áreas da saúde e, mais recentemente, do Direito. Na opinião de um de seus professores, José Antunes Rodrigues, a iniciativa resultou do enriquecimento e do crescimento demográfico de São Paulo e constituiu experiência inovadora no ensino universitário nacional, não apenas pela localização geográfica da faculdade como pela estrutura didático-pedagógica.



### Expansão levou Universidade à zona leste da capital

A primeira unidade da USP no interior adotou, então, normas ainda alheias aos estabelecimentos universitários do país, como a organização departamental em contraposição às cátedras; o professor-pesquisador em contraposição ao médico-professor, e o regime de dedicação exclusiva para todas as áreas. Hoje, constitui um dos mais importantes centros de formação profissional e científica do país em ciências da saúde, oferecendo graduação em medicina e ciências biológicas; pós-graduação em ciências básicas e de aplicação; residência médica desenvolvida no Hospital das Clínicas; educação médica continuada e cursos de extensão e aperfeiçoamento.

Além de Ribeirão, a USP tem unidades no interior em Piracicaba, Bauru, Pirassununga, São Carlos e mais recentemente em Lorena. Há quem considere o campus de Ribeirão, bem como os demais campi fora da capital, pequenas universidades preparadas para a independência e em 1964, cujos líderes não gostavam muito de gente que pensa e defende a pluralidade de idéias. Certamente não gostavam da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, núcleo em torno do qual a USP se formou, que tinha lá os seus Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Octavio Ianni, Emília Viotti e mais professores com mania de estudar o Brasil e indicar caminhos para a juventude.



Em Ribeirão Preto, organização inovadora

Os militares queriam um “Brasil Grande”, desenvolvido tecnologicamente, e por isso seria necessário incentivar o ensino técnico e trabalhar com os empresários. Conviria reformar estruturalmente a universidade brasileira. Tentaram. Na Universidade de Brasília, enfrentaram resistência dos professores, que em grande número pediram demissão. Na USP, forçaram em 1969 a mudança na estrutura da instituição, extinguíram as cátedras, criaram os departamentos e os institutos básicos.

Diz-se que os militares planejaram um modelo único de universidade na qual seriam indissociáveis o ensino, a pesquisa e a extensão de serviços à comunidade, esta muitas vezes confundindo-se com assistência social.

Goldemberg não nega que o modelo dos militares possuía aspectos modernizantes – “não devidamente apreciados na ocasião”, salienta –, mas não tem dúvida de que a cassação ou afastamento de professores (entre muitos outros, Fernando Henrique Cardoso, que viria a se tornar presidente da República, José Arthur Giannotti e Florestan Fernandes) e as aposentadorias forçadas que se seguiram representaram um fator desmoralizador para a Universidade, cujo efeito perdurou por muitos anos. Musas – A verdadeira reforma da USP, ou a sua implantação, segundo relata o ex-reitor Goldemberg, ficou a cargo da própria instituição, tendo sido executada principalmente pelo ex-reitor Miguel Reale (1969 - 1973).



Pirassununga, Zootecnia e Engenharia de Alimentos

O jurista, político, memorialista e professor da Faculdade de Direito, sem deixar de ser também poeta, deu grande impulso às obras na Cidade Universitária e consolidou os institutos básicos (Matemática, Física, Química, Geociências e Ciências Biomédicas). É um marco físico e bem visível da sua administração a Torre na Praça do Relógio, que exibe em baixo relevo as formas das musas que presidem as ciências e as artes. Apesar de as humanidades estarem em baixa na época, criou-se a Escola de Comunicações e Artes. Na gestão do professor José Goldemberg (1986 - 1989) devem ser mencionadas a reforma do Estatuto da USP, a criação das Pró-Reitorias (Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa e Cultura e Extensão), cujo aniversário de vinte anos foi celebrado em 1988, e – com muita ênfase – a conquista da autonomia financeira, assinada pelo então governador Orestes Quécia em 89 (Franco Montoro o precedeu, iniciando um período de abertura política no estado). A partir da autonomia, as universidades públicas paulistas passaram a ter melhores condições de gerir seus projetos, a aplicação de recursos e os gastos com serviços e pessoal, sabendo que todo ano



receberão um percentual do ICMS para o seu orçamento. Esse sistema continua em vigor e é sempre lembrado como exemplo para as demais universidades públicas do país. Na questão da produção acadêmica, na administração de Goldemberg ganhou força a política de avaliação por mérito, que, no entanto, teve também opositores ferrenhos. Informação relevante diz respeito ao financiamento de obras nos campi da capital e do interior pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que no mesmo período emprestou 60 milhões de dólares com a contrapartida do governo do estado. Laboratórios foram equipados – e a informatização, que ainda trazia a marca da novidade para muita gente, deu início ao sistema virtual que interliga a USP interna e externamente e sem a qual qualquer atividade acadêmica seria impensável hoje.

Por último, não porém em menor importância, é preciso lembrar, na gestão do professor Adolpho Melfi (2001 - 2005) a criação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, no campus da zona leste, cujas primeiras turmas se formaram no final do ano passado, e a expansão de cursos e vagas em unidades da capital e do interior.

Mas isso fica para o texto no quadro, em obediência à teoria de Pascal, do começo pelo fim.  
**Genoma, viola caipira e inclusão**



Odontologia de Bauru é referência no Brasil e no exterior

Se os momentos memoráveis do passado merecem ser recordados, com mais razão não podem ser esquecidos os avanços tecnológicos mais recentes e os esforços da Universidade para atender às demandas por mais cursos e mais vagas. Na tecnologia de ponta, para ficar apenas em um de muitos exemplos, tome-se o caso das pesquisas em genética humana. Especialistas da USP foram ouvidos e citados pelos ministros do Supremo Tribunal Federal no julgamento do ano passado que liberou as pesquisas com células-tronco embrionárias.

No Centro do Genoma Humano do Instituto de Biociências e em outras unidades a USP desenvolve trabalhos que estão no nível dos melhores publicados na área no mundo inteiro. Vale lembrar que pesquisadores da USP e de várias outras instituições participaram do seqüenciamento genético da *Xylella fastidiosa*, bactéria que ainda infesta laranjais paulistas, um feito que mereceu capa e longa reportagem na revista Nature.

**Inclusp** – Quando se trata da demanda cada vez maior por ensino superior, a Universidade não considera suficiente ampliar o número de cursos e vagas.

Estabeleceu uma política de acompanhamento das escolas da rede pública e de prestação de ajuda efetiva aos estudantes do ensino médio, antes do ingresso na Universidade e durante os cursos. Entre as ações preparatórias do Programa de Inclusão Social da USP (Inclusp) estão o engajamento de alunos da própria Universidade nessa atividade de extensão e modificações no vestibular, como a introdução do sistema de pontuação acrescida aos alunos que fizeram todo o ensino médio em escola pública.

Durante os cursos, o acompanhamento do aluno continua, com ações que visam diminuir a evasão. Quanto a cursos e vagas, a iniciativa de maior vulto consistiu na criação da EACH, no campus da USP Leste, numa área com quatro milhões de habitantes que inclui não só bairros da capital, mas outros municípios da Região Metropolitana, na qual não havia nenhuma instituição pública de ensino superior.

Entre as dez carreiras criadas para a EACH, algumas são inéditas nas universidades brasileiras, como bacharelado em Gerontologia, Gestão em Políticas Públicas e Tecnologia Têxtil. Na observação do coordenador da implantação do projeto USP Leste, professor Celso de Barros Gomes, “o empreendimento constituiu-se na maior ação participativa de toda a história da Universidade, envolvendo mais de uma centena de docentes de áreas variadas, além de um grande número de funcionários ao longo dos 33 meses de gestação”.



Antiga Faenquil, em Lorena, foi incorporada em 2006

**Expansão** – Outra iniciativa de impacto foi a incorporação pela USP, em 2006, da Faculdade de Engenharia Química de Lorena (Faenquil), que passou a se chamar Escola de Engenharia de Lorena, acompanhada do Colégio Técnico já existente.

Também no interior, São Carlos recebeu não apenas mais vagas, mas um segundo campus inteirinho.

No antigo não era mais possível ampliar o trabalho em alta tecnologia que caracteriza o ensino e a pesquisa dessa unidade da USP conseguiria resolver o problema de espaço sem uma área maior.

Para a reitora Suely Vilela, a contribuição dos dois campi da cidade à política de expansão de vagas está expressa no fato de que o número de alunos que entraram em 2007 era praticamente o dobro dos que ingressaram em 2001.

Em Ribeirão Preto, foi aprovada em 2002 a criação da Faculdade de Economia, Administração de Empresas e Contabilidade com autonomia administrativa. A relevância econômica e educacional da região mais do que justificou a presença desses estudos, fazendo-se sentir em seguida a necessidade de ensino jurídico, reivindicação atendida em 2007 com a instalação da Faculdade de Direito no campus. Já no Departamento de Música da USP de Ribeirão Preto nasceu, em 2004, o primeiro curso de graduação em Viola Caipira do mundo, tendo como professor responsável Ivan Vilela. O mesmo curso, coordenado pelo mesmo professor, foi transferido para a Escola de Comunicações e Artes, na capital, à qual o Departamento de Música de Ribeirão está ligado. Diz Vilela que a viola caipira, apesar das raízes européias (portuguesas) e árabes, é instrumento considerado essencialmente brasileiro. Com a viola caipira se executam as tradicionais modinhas, verdadeiros hinos do Brasil rural. “A melodia da modinha de viola é tão complexa e os ‘causos’ são tão importantes, que a viola tem uma singularidade: quando se toca, não se canta, e vice-versa”, explica o professor.